

HERVÉ THÉRY

“Fazer cara de paisagem” é uma expressão informal que serve para designar a cara que fazemos quando fingimos que não estamos entendendo o que se passa, ou quando fazemos de conta que nada aconteceu, especialmente nas situações constrangedoras. Este livro, *Paisagem: leituras, significados, transformações*, faz o contrário. Ao pintar a cara DA paisagem, ele mostra que muita coisa aconteceu, e que é exatamente em situações constrangedoras – as transformações que ameaçam algumas paisagens – que se deve tomar providências e não fazer cara de que não sabemos do que está acontecendo, que não temos nenhum envolvimento com o ocorrido.

Os autores conseguem fazê-lo de maneira eficiente porque eles têm – e nos dão – uma definição extremamente abrangente do que é a paisagem. Ou melhor, eles nos dão duas. A primeira, no capítulo de Jean Carlo Gessi Caneppele, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Sidnei Luís Bohn Gass e Roberto Verdum, “As qualidades cênicas das paisagens do Cerro do Jarau e dos Areais de Quaraí”, que afirma o seguinte:

A paisagem é uma marca impressa no espaço geográfico pelas sociedades humanas, criada, pintada, descrita, lida, nomeada, percebida, estudada, protegida e pesquisada de diversas maneiras. O conceito de paisagem torna-se polissêmico, complexo, dinâmico, objetivo e subjetivo, pois, dependendo do enfoque e da delimitação espacial e temporal que o pesquisador adota, possui outros significados.

Podemos afirmar, de tal modo, que a paisagem é uma construção social, como um conjunto de elementos da natureza e/ou construídos socialmente e observados e/ou percebidos a partir de um ponto de referência numa determinada escala, expressa a partir de uma organização, de uma estrutura, de uma funcionalidade e de uma dinâmica que se transforma com o tempo. Provoca diferentes sensações e reações (positivas, negativas ou mesmo indiferenças), pois utilizamos todos os nossos sentidos para pintar, descrever, lembrar, pesquisar, planejar ou para fazer uma leitura da paisagem.

A segunda definição faz parte do último capítulo do livro, o de Aline de Lima Rodrigues, André dos Santos Baldraia Souza e Lucimar de Fátima dos Santos Vieira (“As paisagens urbanas como aportes para analisar a difusão

VERSÃO DIGITAL



COMO CITAR:

THÉRY, H. A cara da paisagem. In: VERDUM, R. et al. (org.). *Paisagem: leituras, significados, transformações*. Porto Alegre: Editora Letra1, 2021. v. 2, p. 7-10. doi: <https://doi.org/10.21826/9786587422114-00>

do novo coronavírus [Sars-Cov 2] e a pandemia da Covid-19 em sala de aula”), o que é lamentável, porque mereceria ser levada mais cedo ao conhecimento dos leitores.

A paisagem não possui apenas um significado, ela é polissêmica, ou seja, é uma construção social, como um conjunto de elementos da natureza e/ou construídos socialmente e observados e/ou percebidos a partir de um ponto de referência numa determinada escala, expressa a partir de uma organização, de uma estrutura, de uma funcionalidade e de uma dinâmica que se transforma com o tempo. Provoca diferentes sensações e reações (positivas, negativas ou mesmo indiferença), pois utilizamos todos os nossos sentidos para pintar, descrever, lembrar, pesquisar, planejar ou para fazer uma leitura da paisagem.

É a partir dessa visão muito ampla – mas também muito precisa – das paisagens que os autores constroem seus capítulos, os quais têm em comum combinar análise científica séria, consideração de aspectos sociais e propostas concretas de ação e de inclusão nas políticas públicas de proteção ao meio ambiente e ao patrimônio natural.

Na primeira parte, “Paisagem: potencial metodológico para elaboração de diagnósticos ambientais”, várias equipes de pesquisadores (que sempre incluem Roberto Verдум) relatam como agiram, desde 2006, para incluir a dimensão de paisagem na sequência de atividades relacionadas aos diagnósticos socioeconômicos e ambientais de Unidades de Conservação (UCs) realizados por demanda da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura (SEMA/RS) do Estado do Rio Grande do Sul. Foi o caso na análise das unidades da Paisagem da Área de Proteção Ambiental do Banhado Grande (Roberto Verдум, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Sidnei Luís Bohn Gass e Guilherme Gnas) e na definição da paisagem como parâmetro para a definição das Áreas de Preservação Permanente (Sidnei Luís Bohn Gass e Roberto Verдум). O capítulo apresenta parte dos resultados obtidos numa tese de doutorado que teve por objetivo principal a estruturação de uma metodologia que considere os elementos da paisagem e do zoneamento ambiental como ferramentas para a definição dos parâmetros a serem adotados para a delimitação das Áreas de Preservação Permanente (APPs) relacionadas ao entorno dos cursos hídricos.

Essa parte inclui aspectos mais inovadores, levando em consideração o desenvolvimento de novas energias, que também podem ter um impacto significativo no meio ambiente e na paisagem. Esse é o caso do capítulo “Impactos ambientais na avifauna associados às transformações da paisagem no Parque Eólico Tramandaí”, de Paula Rodrigues Tavares, Roberto Verдум e Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, que notam que “apesar de ser considerada uma geração de energia pouco impactante ambientalmente, podemos observar as modificações na paisagem e os impactos negativos à fauna decorrentes da instalação de equipamentos e das alterações no meio, associadas a este tipo de atividade econômica”.

Essa preocupação já é compartilhada pelos poderes públicos. Em “Simulação digital do impacto visual de empreendimento eólico na paisagem do Cerro do Jarau”, João Gabriel Junqueira Ribeiro, Tanice Cristina Kormann e Roberto Verдум notam o seguinte:

O licenciamento da atividade é realizado pelo órgão estadual de licenciamento ambiental. Dentre os estudos que resultaram nestas diretrizes, o tema da paisagem foi inserido devido à necessidade de valoração das paisagens de interesse, por parte da população residente e transeunte, no entorno das áreas potenciais para a instalação dos empreendimentos eólicos.

Prova de que a paisagem está sendo aos poucos levada em consideração, sem dúvida em parte graças à atividade dos pesquisadores (entre os quais os autores deste livro) nas medidas de proteção da natureza aparece no capítulo “Paisagem eólica de interior continental e a arenização no oeste do Rio Grande do Sul: patrimônio geomorfológico e potencial paisagístico no Pampa Brasileiro”, de Tania Cristina Gomes e Roberto Verдум, em que afirmam que “os areais do oeste do Estado compõem uma paisagem única dotada de um potencial paisagístico singular”.

A segunda parte, “Paisagem na perspectiva do planejamento e valorização do patrimônio rural e urbano”, aprofunda-se nas ameaças às paisagens e nas medidas a serem tomadas para evitar que tais ameaças se materializem. Dilton de Castro e Roberto Verдум, em “Paisagens em transformação na bacia hidrográfica do rio Tramandaí: tendências, desafios e contribuições para a gestão ambiental”, mostram que nessa bacia, próxima da capital gaúcha e com acesso fácil às praias, as transformações nas paisagens são como respostas ambientais expressas na perda da qualidade das águas nos mais variados corpos hídricos.

No entanto, ainda há muito a ser feito para garantir que as paisagens mais frágeis sejam devidamente protegidas. A consideração insuficiente dessa dimensão é tanto mais lamentável quanto, como mostram Jean Carlo Gessi Caneppele, Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Sidnei Luís Bohn Gass e Roberto Verдум em “As qualidades cênicas das paisagens do Cerro do Jarau e dos Areais de Quaraí, sudoeste do Rio Grande do Sul”. Os Areais de Quaraí fazem parte dos 10 areais citados pelos pesquisadores como paisagens cênicas, dado o potencial dos areais enquanto patrimônio geomorfológico.

Laura Rudzewicz e Adriano Luis Heck Simon, em “Paisagens das Águas: o patrimônio hídrico e as perspectivas para o (geo)turismo na Costa Doce Gaúcha”, sublinham a importância das águas na composição e dinâmica das paisagens e analisam as possibilidades de ativação (geo)turística do patrimônio hídrico da Costa Doce. De forma mais geral, em “Paisagens do Litoral Norte do Rio Grande do Sul: dimensões, distensões e imagens”, Flávio Leonel Abreu da Silveira, Olavo Ramalho Marques e Marlise Amália Reinehr Dal Forno vão além dos aspectos materiais, dizendo que “as paisagens litorâneas gaúchas são diversas em termos étnicos e ecológicos, nelas vibram expressões imaginárias de coletivos humanos que revelam as dimensões sensíveis das interações estabelecidas por essas populações com o meio”.

Infelizmente, sérias ameaças pesam sobre essas paisagens e seu desenvolvimento sustentável, em particular o avanço da agricultura produtiva e das cidades. Ricardo Hiroyuki Okido e Roberto Verдум, em “Paisagens em transformação: estudo sobre o avanço da lavoura de grãos nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana”, tratam do avanço da produção de lavouras agrícolas, principalmente da sojicultura, tentando entender a visão de proprietários de terras no trecho da rodovia RSC-377, entre os municípios de Manoel Viana e de São Francisco de Assis.

Outro fenômeno muito ativo é a urbanização e a periurbanização em torno das principais cidades. Em “A paisagem da especulação imobiliária e o processo de gentrificação do espaço urbano: a orla do Lago Guaíba”, Mario Luiz Rangel tenta uma análise do processo histórico da urbanização da cidade de Porto Alegre e a sua relação com o Lago Guaíba, enquanto em “Dinâmica espacial entre paisagem rural e urbana no entorno da BR 448 – Rodovia do Parque”, João Luís Maciel Linck e Roberto Verдум procuram “entender a dinâmica espacial, os impactos e as transformações desencadeados pela

implantação de uma rodovia de alto fluxo [em uma] área em que até então predominavam atividades agrícolas, de lazer, de pesca e áreas de preservação”.

Em transição com a parte seguinte, em “Paisagens ordinárias e identidade cultural no município de Agudo”, João Paulo Schwerz trata de explorar relações entre planejamento urbano e patrimônio cultural buscando perceber como a paisagem participa na criação e/ou manutenção de identidade territorial. Esta terceira parte, “Paisagem: estética e cultura”, trata de fato dos aspectos mais subjetivos da percepção da paisagem, que não são os menos importantes. Janice Martins Sitya Appel e Luís Alberto Pires, em “Genealogia dos Espaços Verdes: marcos referenciais da paisagem urbana e na arte”, notam que o que se entende e define como espaços verdes urbanos está profundamente enraizado na narrativa histórica. A ideia é reforçada em “Paisagem e turismo: o olhar romântico sobre a Lagoa Mirim – ‘lado’ brasileiro”, por Jaciel Gustavo Kunz e Antonio Carlos Castrogiovanni, que evidenciam o olhar estético romântico como subjacente à valoração das paisagens lacustres costeiras, em geral, e da Lagoa Mirim, em particular, por parte do turismo/lazer.

Para além da contemplação das paisagens, outras práticas são destacadas em “Estética urbana, cotidiano e consumo na cidade de Novo Hamburgo”, por Fernando Benvenuto Schaab e Álvaro Luiz Heidrich, que analisam a estética urbana de uma nova centralidade surgida nos últimos decênios na Avenida Doutor Maurício Cardoso. Passando para o estudo de práticas mais recentes, Gianluca Perseu e Daniele Caron, em “Paisagem em FEED: aportes para uma abordagem narrativa da experiência urbana online”, argumentam que:

É preciso atentar para como cada tecnologia de comunicação revoluciona as formas de perceber e de estar no mundo. Com a emergência da Web 2.0 no início do século XXI, o meio online, que já vinha se constituindo desde o século passado, passa a conformar formas inéditas de acessar e atribuir sentido à paisagem.

A quarta parte, “Paisagem como instrumento e método para o ensino”, compreende apenas um artigo, cujo título é um pouco enganador pela sua modéstia porque vai muito mais longe do que simples conselhos, por mais preciosos que sejam, dados aos professores. As perguntas que Aline de Lima Rodrigues, André dos Santos Baldraia Souza e Lucimar de Fátima dos Santos Vieira fazem em “As paisagens urbanas como aportes para analisar a difusão do novo coronavírus (Sars-Cov 2) e a pandemia da Covid-19 em sala de aula” realmente serão úteis em sala de aula, mas seria bom que todos nós, e principalmente os leitores deste livro, refletíssemos sobre o mundo que nos espera depois da pandemia.

“Qual a cidade que queremos pós-pandemia? Houve alterações nas paisagens durante a pandemia? Quais? Qual paisagem queremos? Quais paisagens que sentiu falta de observar, sentir ou ouvir durante a pandemia?” Essas são questões absolutamente fundamentais, e confirmam o profundo interesse deste livro.